



Reprodução do quadro *Vila de Gardanne*, de Cézanne.
Cortesia do Museu de Brooklyn, Nova York

Cézanne: Precursor da Arte Moderna

Malcolm Vaughan *Crítico de arte e escritor*

O PINTOR Paul Cézanne conseguiu alcançar uma harmonia tão profunda com a natureza que conquistou dela segredos que nenhum artista havia ainda conquistado. Dos segredos que aprendeu, o maior foi talvez que todos os contornos e formas da natureza, aparentemente infinitos, podiam ser reduzidos a qua-

Um triunfo da perseverança

tro: esfera, cubo, cone e cilindro. Essa descoberta, refletida nos seus quadros e audaciosamente desenvolvida pela geração seguinte, é em grande parte a origem da pintura e escultura abstratas de hoje.

Alto, ossudo, musculoso, com uma barba agreste e olhos pretos chamejantes, Cézanne tinha a vigorosa personalidade de um pioneiro. De longe, suas roupas chamavam atenção: um velho chapéu surrado, um paletó azul-claro e um colête branco lambuzado de tinta. A chama dos olhos vinha das paixões que ardiavam dentro dele. A força primitiva de sua personalidade era tão evidente que, quando ele tinha apenas 19 anos, um colega de escola, Émile Zola, observou: "Você não pertence ao nosso século... você inventaria o amor, se o amor não fosse uma invenção tão velha."

Não há explicação para a origem do gênio de Cézanne. Ele nasceu num momento muito banal da História; e sua educação, na pequena cidade de Aix, no sul da França, a poucos quilômetros de Marselha, foi igual à de outros jovens.

Entretanto, Zola tinha razão. Cézanne não pertencia ao século XIX; foi o precursor da arte do século XX. Basta a força de sua influência sobre mestres modernos como Picasso, Matisse, Derain e Braque, para indicar que, se há um homem que possa ser considerado o pai da pintura moderna, esse homem é Cézanne.

Sua arte não foi conquista fácil. Ele teve primeiro que dominar as tempestades de seu temperamento, pois a pintura exige trabalho manual friamente equilibrado, tanto quanto inspiração ardente. Cézanne era nervoso, impulsivo, explosivo e teimoso como um burro. Precisou

aprender a colocar suas reações apaixonadas sob o domínio do sólido conhecimento que é preciso para fazer quadros. Na juventude, cortava em pedaços a tela que estivesse pintando, quando alguma coisa não corria bem, ou então a atirava pelos campos. Mesmo depois de mais velho, quando seus quadros já eram vendidos por quantias consideráveis e ele se tinha dominado muito, o seu agente de vendas viu certa vez uma coisa pendurada em uma árvore, em frente ao estúdio. Viu-se depois que era um quadro inacabado que Cézanne atirara pela janela, num acesso de fúria.

Dificuldades o assaltaram de todos os lados. Seu pai, que se tornara o banqueiro de Aix, não fez caso do desejo que o filho tinha de ser artista e obrigou-o a estudar Direito. Ao ficar provado que isso era impraticável, o futuro artista teve que trabalhar no banco. Paul já tinha 24 anos quando o pai o deixou ir para Paris estudar arte.

Surgiu então outra luta complicada. Cézanne descobriu que não podia seguir um curso regular de belas-arts. Trabalhava com afinco, mas a originalidade era nele tão profunda que, embora estudasse e pintasse durante dois anos, foi reprovado no exame de admissão à École des Beaux-Arts. Os exames eram um amontoado das regras e convenções estereotipadas e dos padrões anacrônicos que Cézanne estava destinado a descobrir.

Durante pelo menos 30 anos seus quadros foram recusados nas exposições nacionais que se realizavam anu-

UM DOS MAIORES e mais vigorosos coloristas de todos os tempos, Cézanne introduziu uma nova sensibilidade na pintura. Conferiu solidez à plástica evanescente dos impressionistas e, por sua vez, alargou o âmbito da arte moderna, cujos princípios se estenderam a todos os países, sendo válidos tanto no Brasil como na Suécia ou no Japão. —Antônio Bento, no *Diário Carioca* do Rio de Janeiro

almente no Salão de Paris, naquele tempo praticamente o único meio acessível ao artista de chegar ao público. Não só encontrava as portas fechadas, como era esquecido!

Tinha quase 60 anos quando, em 1895, realizou sua primeira exposição individual. Vivia no esquecimento em sua casa, conhecido apenas por um grupinho de outros pintores. O fato de serem êses pintores os hoje famosos Renoir, Degas, Monet, Pissarro e Gauguin, de pouco lhe valia, pois eram considerados quase tão monstruosos quanto êle. Ninguém, nada fôra capaz de atrair a atenção para seus méritos. “Agora”, escreveu êle desesperado a um amigo, “só me resta pedir desculpas.”

Durante tôda a sua carreira, os críticos lhe fizeram oposição ferina. “Quando as crianças brincam com papel e côres, fazem melhor do que isso”, escreveu um. Outro, criticando um quadro em que Cézanne procurara captar o brilho da luz do sol, aconselhou seus leitores a não demorem diante dos quadros, se estivessem visitando a exposição com uma senhora grávida, “pois aquilo

poderia dar febre amarela na criança”.

Mesmo o seu pai, os vizinhos e os amigos julgavam Cézanne um fracasso. Seu pai o considerava uma criança grande, chegando ao ponto de abrir-lhe a correspondência. A gente de Aix o achava excêntrico. A

maioria dos artistas o chamavam de trapalhão. E seu amigo íntimo, Zola, depois de 30 anos de camaradagem, referiu-se a êle como um patético “abôrto de gênio”.

O isolamento forçado de Cézanne chegou a atingir sua vida sentimental. Aos 30 anos de idade, apaixonou-se por um de seus modelos, Hortense. Três anos depois, ela deu à luz um menino, que Cézanne legitimou e a quem sempre adorou. Entretanto, devido a um emaranhado de circunstâncias, o casamento dos dois só se realizou anos depois, e êles passaram períodos de meses separados.

Talvez a marca do gênio seja esta: poder caminhar sozinho, quando necessário. Apesar das horas de desespêro, de uma vida inteira de isolamento, Cézanne preservou a confiança em si mesmo. Pintava agora cuidadosamente, devagar. Sabemos de um quadro a que dedicou 115 sessões, muitas durando três horas, e que ainda não está de todo acabado.

Com uma técnica de tanta vigilância, Cézanne tinha que dedicar energia, pensamento, coração, em verdade tôda a sua vida, a captar as

côres, ritmos, construção e as formas fundamentais—esferas, cubos, cones, cilindros—nas cenas e objetos que o cercavam; lutando, como êle disse, para “traduzir” em pintura suas “sensações em face da natureza”.

A arte abstrata de hoje é um resultado lógico de suas “pesquisas”, mas as abstrações nunca foram seu objetivo. Cézanne encontrava suas formas na natureza, não na geometria. Seus quadros eram sempre de motivos que existem—criaturas humanas, paisagens, casas e naturezas mortas—maçãs, jarros, gerânios.

Até aos 50 anos, suas telas fôram praticamente invendáveis. Um dono de armazem aceitou uma em pagamento de comestíveis. O seu fornecedor de tintas aceitou várias em

troca de material. Destas, meia dúzia foram vendidas pela viúva do fornecedor e alcançaram preços que variaram entre 45 a 215 francos.

Depois, os negociantes de arte começaram a apreciar a Cézanne, e os preços melhoraram. Quando êle contava 60 anos, 32 de suas telas foram vendidas por 51.000 francos, uma média de 1.600 francos cada uma. E o valor delas continuou a subir—mas Cézanne não viveu para assistir.

Hoje, seu triunfo é completo. Um museu de arte não pode considerar-se de primeira classe se não possuir pelo menos um belo exemplar de sua obra. A maioria dos grandes pintores do nosso século consideram Cézanne como seu precursor, o mestre indiscutível da arte moderna.



Conversa de Texanos

JÁ OUVIU a história do texano de meia-idade que foi ao psiquiatra?
—Doutor—disse êle—preciso muito do seu auxílio. Vou muito mal.
Fui texano a vida inteira, e de repente nem ligo mais para isso!

—Inez Robb, United Feature Syndicate

UM TEXANO que estava de visita à Nova Inglaterra vinha gabando a excelência do clima do Texas para a saúde e como prova mencionou o pai, que tinha 75 anos e ainda andava a cavalo. Um dos ouvintes admitiu que não estava mau, mas que não podia comparar-se com um camarada das vizinhanças que tinha a mesma idade e na semana anterior havia passado dez horas diàriamente arando terra—exceto no sábado, quando tivera de largar para ir ao casamento do pai.

—Que idade tinha o pai dêle? perguntou o texano.

—Noventa e nove.

—Para que é que êle queria casar com essa idade?

—Queria? Êle *foi obrigado*.

—G.E.G.